

DOI: 10.20911/21799024v14n1p154/2023

Os medos da humanidade segundo David Le Breton: provocações à antropologia teológica

Irineu Claudino Sales ¹

Resumo: O presente artigo faz uma análise de alguns aspectos da humanidade no contexto atual, a partir de elementos da antropologia de David Le Breton que nos levam a descobrir os grandes medos que assombram os homens e as mulheres. O objetivo é estabelecer um diálogo entre a leitura de Le Breton sobre essa temática e a antropologia teológica, buscando perceber possíveis pontos de contato entre uma e outra. Concluímos que o diálogo das diversas ciências com a teologia é não só oportuno, mas mutuamente enriquecedor. E por fim, ainda resta a materialidade insistente do corpo e, por outro lado, a esperança cristã na glorificação da pessoa toda, que permanece criatura de Deus.

Palavras-chave: Corpo; Medos, Le Breton; Antropologia; Antropologia Teológica.

Abstract: This article analyzes some aspects of humanity in the current context, based on elements of David Le Breton's anthropology that lead us to discover the great fears that haunt men and women. The objective is to establish a dialogue between Le Breton's reading of this theme and theological anthropology, seeking to perceive possible points of contact between one and the other. We conclude that the dialogue of the different sciences with theology is not only opportune, but mutually enriching. And finally, there still remains the insistent materiality of the body and, on the other hand, the Christian hope in the glorification of the whole person, who remains a creature of God.

Keywords: Body; Fears; Le Breton; Anthropology; Theological Anthropology.

1 Mestrando em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE/CAPES, membro do grupo de pesquisa Teologia e Pastoral. claudino.i.sales@gmail.com.

Introdução

Segundo David Le Breton² o homem e a mulher de nosso tempo se relacionam com o corpo de um modo singular, tenta-se a passagem do corpo parceiro³ à superação do corpo que é considerado como um rascunho a ser corrigido. Neste contexto surgem os medos de uma humanidade centrada nos valores da modernidade e vazia de Deus.

Discorreremos sucintamente sobre a antropologia de Le Breton e apontaremos os grandes medos, que, segundo o referido antropólogo, a humanidade atual enfrenta. Depois iremos apontar alguns pontos para um possível diálogo entre a antropologia de Le Breton e a antropologia teológica, numa proposta de enriquecimento mútuo e de diálogo entre as diversas ciências com a teologia.

1 Alguns aspectos da antropologia contemporânea

Já de saída é importante ficar claro: “Antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (LE BRETON, 2006, p. 7). Embora em nosso cotidiano vemos os efeitos reais da reificação do corpo e as sucessivas tentativas de superação de suas limitações e até mesmo a ideia do corpo como supranumerário⁴, a verdade de nossa condição corporal insiste em permanecer.

O ser humano como corpo natural e orgânico continua a existir apesar de: “Uma longa tradição de suspeita do corpo [que] percorre o mundo ocidental desde os pré-socráticos, à imagem de Empédocles ou de Pitágoras” (LE BRETON, 2003, p. 13). O desejo de superar o corpo não é novidade da contemporaneidade, ao longo da história ocidental podemos destacar momentos de desprezo ao corpo em favorecimento da alma, gnósticos e em certos momentos os cristãos, ainda podemos vislumbrar momentos de exaltação da corporeidade na sua estética, força, até mesmo como discurso social, já no momento atual o corpo é visto como um rascunho que precisa ser aperfeiçoado e até mesmo superado:

O corpo é uma doença endêmica do espírito ou do sujeito. Muitos autores veem hoje com júbilo chegar o momento abençoado do tempo ‘pós biológico’ (Moravec) ou ‘pós-evolucionista’ (Sterlac), ‘pós-orgânico’ etc., em suma, do tempo do fim do corpo, este sendo um artefato passível de ser danificado da história humana, que a genética, a robótica ou a informática devem conseguir reformar ou eliminar [...] (LE BRETON, 2003, p. 16).

2 É francês, sociólogo, antropólogo, professor na Universidade de Estrasburgo, na França. Seus estudos sobre corpo e corporeidade são referência na área das ciências sociais. Possui uma vasta produção de artigos e livros. Em português podemos citar: *A sociologia do corpo* (2006), *Antropologia da dor* (2013), *Antropologia dos sentidos* (2016), *Antropologia do corpo* (2016), *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade* (2016), *Desaparecer de si: uma tentativa contemporânea* (2018), *Antropologia das emoções* (2019), *Rostos: Ensaio de antropologia* (2019).

3 “O corpo se torna parceiro daquele de quem se exige a melhor apresentação, as sensações, mais originais, a boa resistência, a juventude eterna, a ostentação das marcas distintivas mais eficazes. [...] O corpo é o lugar tenente do indivíduo, o parceiro” (*A sociologia do corpo*, p. 86)

4 “O corpo é hoje frequentemente percebido como um arcaísmo, a relíquia indigna de uma condição humana que entra na era da pós-humanidade” (LE BRETON, 2006, p. 89).

O corpo totalmente dessacralizado se torna um objeto a ser manipulado como qualquer outro objeto que o ser humano tem ao alcance de suas mãos. Como aponta Le Breton, o corpo é um resto, resultado de três grandes retiros: "A definição moderna do corpo implica que o homem esteja separado do cosmo, separado dos outros, separado de si mesmo. O corpo é o resíduo desses três retiros" (LE BRETON, 2011, p. 71). Este processo de individuação do corpo desvinculado do meio, da comunidade, de si mesmo, o torna extremamente vulnerável aos anseios pelo seu desaparecimento, ou mesmo, da sua eliminação.

No processo de individuação do corpo "[...] nasce o dualismo contemporâneo que [...] considera o corpo isoladamente, em uma espécie de indiferença em relação ao homem ao qual empresta seu rosto. O corpo está associado ao ter e não ao ser" (LE BRETON, 2011, p. 72). Entendendo o corpo como dissociado⁵ do ser humano, o modo de se relacionar com ele assume posturas das mais diversas: os cientistas se veem autorizadas nas suas mais variadas investigações científicas, apesar dos limites estabelecidos pela ética; as classes mais populares "[...] não prestam nenhuma atenção especial ao corpo e o utilizam sobretudo como um 'instrumento' ao qual demandam boa qualidade de funcionamento e de resistência (LE BRETON, 2006, p. 82); as classes privilegiadas "[...] têm tendência a estabelecer uma fronteira mais tênue entre saúde e doença e adotar, com relação a esta última, uma atitude mais preventiva para evitar qualquer surpresa" (LE BRETON, 2006, p. 83).

Diante da modernidade que coisifica o corpo humano, Le Breton ainda aponta que podemos identificar neste contexto duas grandes vias: a via da suspeita e da eliminação do corpo, e a via da resistência (LE BRETON, 2011, p. 351).

2 Le Breton e os medos do ser humano

Segundo Le Breton, o ser humano atual, que vive num mundo tido como dessacralizado, tem três grandes medos que, no fundo, encarnam um medo mais original, que é o medo do sofrimento, sempre tido ao longo da história humana como intolerável.

2.1 O medo da doença

O corpo encarna a fragilidade humana, a sua vulnerabilidade às doenças, ao mal funcionamento de seus órgãos etc. Na sociedade do hedonismo qualquer incômodo físico ou doença não são admitidos. Ao sinal de uma simples dor de cabeça, o indivíduo logo procura tomar uma aspirina. A ideia é vencer a doença antes que ela nos cause o desconforto da dor, antes que ela nos desfigure. Com o avanço tecnocientífico, existe a esperança da medicina encontrar a cura das

⁵ "O corpo é tornado axiologicamente estrangeiro ao homem, dessacralizado e objeto de investigações que fazem dele uma realidade à parte" (LE BRETON, 2011, p. 109).

doenças ainda incuráveis. É curioso notar que para a medicina, o que importa é a doença e não o doente.

A medicina clássica também faz do corpo um *alter ego* do homem. Ela aparta de suas preocupações o homem doente, sua história pessoal, sua relação com o inconsciente, para considerar apenas os processos orgânicos que se processam nele. A medicina permanece fiel à herança vesaliana: ela se interessa pelo corpo, pela doença, não pelo doente (LE BRETON, 2011, p. 12).

Com uma imensidão de especialidades médicas, tenta-se dissecar as partes doentes em busca do restabelecimento da saúde e o melhor desempenho do corpo. “Para Descartes, o corpo, senão o homem todo inteiro, é uma máquina” (LE BRETON, 2011, p. 119). O corpo como máquina pode então passar por manutenção, pela troca de peças para continuar funcionando. É o que vemos acontecer com os transplantes de órgãos, de sangue, de pele etc. O corpo, além de se tornar objeto, em muitos casos, torna-se também mercadoria cobiçada e até mesmo traficada⁶.

Na tentativa de vencer as doenças, vale quase tudo, pois ainda temos códigos de ética para regulamentar os limites da investigação científica. Nesta direção, com os avanços tecnológicos cresce o apelo ao *ciborgue*⁷, na tentativa de conjugar máquina e orgânico com o intuito de otimizar, aprimorar e até mesmo substituir órgãos e funções orgânicas do corpo humano.

O corpo humano se torna um laboratório no qual se realizam numerosas intervenções destinadas a acoplar o orgânico e o mecânico. Para aumentar-lhe a performance, busca-se implantar microprocessadores no cérebro, a fim de dar imediatamente ao sujeito acesso a banco de dados (LE BRETON, 2011, p. 395).

Esses tipos de intervenções têm se tornado tão comuns que já nem estranhemos quando encontramos alguém que possui um “marca passo”. Segundo Hables Gray, tal pessoa já seria um *ciborgue* e não apenas a figura, já ultrapassada, mas que ilustra bem um exemplo neste caso, do Robocop.

Para além da medicina clássica ocidental, temos também os saberes populares, que a seu modo e com pressupostos diferentes, tentam oferecer soluções aos dilemas das doenças. Um pressuposto dos saberes populares no tratamento do corpo é: “O corpo jamais é aí considerado como distinto do homem, como no saber biomédico” (LE BRETON, 2011, p. 130). A preocupação aqui não está só na doença, mas na totalidade da pessoa, é um tipo de saber homeopático⁸. Uma proposta bem diferente da medicina clássica, que detém o poder dos laboratórios e da grande e lucrativa indústria farmacêutica, que permanece como medicina do corpo e não do homem (LE BRETON, 2011, p. 13).

6 “O corpo, fragmentado em seus componentes, tomba sob a lei da conversibilidade e da troca generalizada tanto mais facilmente quanto a questão antropológica seja ocultada” (LE BRETON, 2011, p. 356).

7 O *ciborgue* é “um sistema homem-máquina autorregulado” Hables Gray, autora da obra “*Manifesto ciborgue*”.

8 “[...] visão astrológica do corpo inscrevendo os órgãos sob a influência dos planetas a partir de uma trama de correspondências: o homem aparece aí como um microcosmo” (LE BRETON, 2011, p. 132).

2.2 O medo da velhice

Com o avanço das tecnologias, a vida das pessoas, ainda que não de modo democrático, tem melhorado cada vez mais. Relacionado a este fator temos o respectivo aumento da expectativa de vida. No entanto, numa sociedade de indivíduos autônomos, produtivos e que buscam o melhor desempenho de seus corpos, os idosos são relegados a segundo plano. “A pessoa idosa avança em direção à morte, ela encarna nela os dois inomináveis da modernidade: o envelhecimento e a morte” (LE BRETON, 2011, p. 224).

Com o avançar dos anos, a pessoa idosa vê as suas forças se esvaindo, o indivíduo vai se tornando cada vez mais dependente de outro, o corpo começa a perder as suas habilidades numa espiral gradativa e irreversível. “O velho é objeto de seu corpo, e não mais completamente sujeito [...] o velho se reduzirá sempre mais ao seu corpo” (LE BRETON, 2011, p. 226). À pessoa idosa, dentro da mentalidade contemporânea, só resta esperar o horário de se alimentar e a morte, morte enquanto um desaparecer de si que pode acontecer antes mesmo da própria morte, através das demências senis como o mal de Alzheimer⁹.

O envelhecimento foi desnaturalizado. Enquanto nas sociedades originárias os idosos eram tidos como anciãos dotados da sabedoria da vida, nossa sociedade transformou a pessoa idosa em velho, mesmo adjetivo usado para as coisas. Daí o medo: “[...] o homem da Modernidade combate permanentemente todos os traços de sua idade, e teme envelhecer com medo de perder sua posição profissional e de não mais encontrar emprego ou perder seu lugar no campo de comunicação” (LE BRETON, 2011, p. 227).

O antigo desejo de encontrar a mítica fonte da juventude permanece vivo entre nós, e do mesmo modo, dia a dia permanecemos no processo orgânico de envelhecimento, que pode até ser retardado em algumas situações, ajudado pelos avanços da medicina, mas ainda assim segue seu curso impiedoso. “[...] a velhice, diz Simone de Beauvoir, é particularmente difícil de assumir porque nós a havíamos sempre considerado como uma espécie estrangeira: eu, eu tornei-me outra, apesar de permanecer eu mesma” (LE BRETON, 2011, p. 229).

2.3 O medo da morte

A ojeriza à morte é generalizada, ela se tornou aquela que não mencionamos. Raramente ou quase nunca nós falamos e refletimos sobre a morte, que é compreendida pelas pessoas de nosso tempo como o total desaparecer de si. E é justamente sobre a negação da morte que a medicina ocidental encontra aporte:

“[...] é preciso sublinhar a negação da morte sobre a qual se funda a medicina ocidental: expandindo sempre os limites da vida, ela provisoriamente põe a morte em xeque, mas frequentemente traz mais anos à

⁹ “O indivíduo que sofre a doença de Alzheimer se despoja do que o tornava singular e ativo nos movimentos do mundo. Antes mesmo de morrer ele se separa dos seus. Ele congela o tempo e se mantém em uma espécie de estase. O passado deixa de existir, também o futuro, só resta o congelamento do instante” (LE BRETON, 2018, p. 155).

vida do que vida aos anos. E, ao mesmo tempo, ela faz sempre mais da morte um fato inaceitável que é preciso combater” (LE BRETON, 2011, p. 360-361).

Na tarefa de negar o encontro decisivo com a morte a medicina tem conseguido dar mais anos à vida, mas como lembra Le Breton, não é capaz de dar vida aos anos, as pessoas são capazes de serem mantidas com vida em situações de saúde das mais adversas. Mas, será que isso é de fato viver? Nossa vida como um todo é constituída de muitos fins e um dia chegará ao seu fim definitivo. No entanto, numa sociedade secularizada, na qual a técnica e a ciência prometem dar todas as respostas e não cumprem com isso, a inevitabilidade da morte assombra e angustia o ser humano. Com todas as suas promessas a “[...] medicina nos desaprende a morrer, faz da morte uma alteridade absoluta, que nada vincula à condição humana” (LE BRETON, 2011, p. 361).

No desespero de se agarrar à existência, o ser humano deposita toda sua confiança na medicina e nos seus agentes: “Com as técnicas de reanimação, o médico não é mais somente o notário da morte, ele é aquele que rege suas condições, que controla sua duração, e aquele que, em último lugar, toma a decisão de fixar-lhe a hora [...]” (LE BRETON, 2011, p. 361). A medicina, com todos os seus estrondosos avanços, demonstra todo o domínio possível sobre o corpo humano. “O corpo humano, da concepção à morte (e mesmo *post mortem*), está sob o controle da medicina” (LE BRETON, 2011, p. 367). E ainda assim, apesar de todos os avanços da medicina, o corpo humano permanece inapreensível em vários aspectos.

“Hoje outra faceta revela-se sempre mais evidente: a luta contra o corpo desvela sua estrutura oculta, o reprimido que a sustentava: o medo da morte” (LE BRETON, 2011, p. 125). Talvez o medo da morte, compreendida como o absoluto desaparecer de si, seja o medo mais radical e angustiante do ser humano.

3 Provocações à antropologia teológica

Tendo percorrido brevemente um caminho de reflexão sobre a corporeidade apontamos, com base no pensamento de Le Breton, os grandes medos da humanidade contemporânea. É preciso agora deixar claro o que queremos propor, como antropologia teológica, para depois acolher as provocações de Le Breton na reflexão teológica.

3.1 Alguns aspectos da antropologia teológica atual

Para uma reflexão atual sobre a antropologia teológica escolhemos discorrer sobre pontuais intuições do pensamento de Luis F. Ladaria SJ e ao mesmo tempo de Suzana Regina Moreira. Iremos nos deter em colher destes autores alguns elementos que possam fazer conversar a antropologia de Le Breton e a antropologia teológica.

Ladaria nos aponta o que precisamos compreender quando falamos de antropologia teológica: “[...] trata-se do que o homem é em sua relação com Deus Uno e Trino revelado em Cristo. Ao mesmo tempo, indica-nos, pelo menos em linhas gerais, o método que precisamos seguir para alcançar o objetivo: o estudo da revelação cristã” (LADARIA, 1998, p. 11). Com isso, afirmamos uma antropologia teológica que, ao aprofundar a revelação cristã, descobre o rosto trinitário de Deus e a verdade sobre o ser humano. Continua Ladaria refletindo sobre as características da antropologia teológica:

Dentre as várias características que, segundo os autores, deve possuir a antropologia teológica, parece-me importante assinalar duas. Por um lado, a ‘historicidade’; ressalta-se que o Vaticano II não descreveu o homem abstratamente, numa ordem ideal, mas sim concretamente, nas etapas sucessivas de sua existência, como criado por Deus à sua imagem, construído num estado de perfeição, caído desse estado pelo pecado, redimido em Cristo pela nova criação etc. Por outro lado, é preciso ressaltar o cristocentrismo que deve caracterizar a disciplina. Esse cristocentrismo já aparece na primeira criação, mas desponta sobretudo na nova criação (LADARIA, 1988, p. 30).

O teólogo Ladaria destaca então duas características básicas da antropologia teológica, como a historicidade, a humanidade criada a imagem e semelhança de Deus e que foi ferida pelo pecado, e o cristocentrismo, que caracteriza a doutrina da graça. Em outras palavras, é o ser humano sempre marcado pelo mistério de Deus e necessitado da graça divina. Vejamos o que nos aponta Suzana Regina Moreira ao pensar uma antropologia teológica marcadamente latino-americana: “[...] a antropologia teológica na América Latina começa a ser desenvolvida segundo a opção preferencial pelos pobres, categoria teológica particular da TdL.”¹⁰ (MOREIRA, 2022, p. 37). Na América Latina se pensa o estudo da revelação cristã, como o papel da antropologia teológica a partir dos pobres. Partindo do chão sofrido das terras latino-americanas descobre-se no pobre o rosto de Jesus de Nazaré, que sendo pobre escolheu revelar-se a nós e revelar a verdade do homem na carne dos pobres.

O próprio Deus escolheu ser pobre e por isso devemos compreender que, além de ser uma opção entre outras pela Encarnação, foi realmente a melhor forma que encontrou para se revelar a nós, também para revelar a verdadeira humanidade. Sua autoidentificação com os pobres é a única opção que mais se aproxima da natureza de Seu Amor e Reino (MOREIRA, 2022, p. 38).

A antropologia teológica é o estudo da revelação cristã, que explica a verdade de Deus e assim ilumina a verdade dos homens. Como características da antropologia teológica elencamos: a dignidade humana de ser criado à imagem e semelhança de Deus, a humanidade na graça de Cristo, o pobre como sacramento de Cristo¹¹.

10 TdL sigla de Teologia da Libertação, teologia autenticamente latino-americana.

11 “[...] os pobres podem ser compreendidos como sacramento de Cristo ainda hoje, não só pela Encarnação de Cristo como homem pobre, mas pela sua revelação contínua na história” (MOREIRA, 2022, p. 41).

3.3 Diálogo entre antropologia e antropologia teológica

No pós-Vaticano II é nítido o esforço que a Igreja tem feito para entrar em diálogo sincero com as demais ciências em busca de enriquecer a reflexão teológica sem se secularizar. "Sem perder nada de especificamente teológico, a reflexão cristã sobre o homem deve enriquecer-se com os dados e as intuições provenientes da filosofia e das ciências humanas" (LADARIA, 1998, p. 12). Neste sentido a antropologia tem muito a contribuir com um novo que fazer teológico.

Como primeira característica da antropologia teológica, afirmamos, no tópico anterior, a dignidade humana de ser criado à imagem e semelhança de Deus, por outro lado vimos com Le Breton que na sociedade contemporânea vigora o secularismo hedonista, a individuação do sujeito que faz a pessoa possuir um corpo retirado dos outros, de si mesmo e do cosmos. Talvez aqui esteja a origem dos medos do ser humano, pois quando eliminamos o mistério de Deus elimina-se o mistério do ser humano e então resta apenas o vazio. "É evidente, pelo menos, que nossa condição de criaturas é um dado permanente; deixar de ser criatura significa voltar ao nada" (LADARIA, 1998, p. 15).

A segunda característica apontada foi a humanidade na graça de Cristo, o próprio Deus que se faz humano por amor e para nos ensinar que o caminho de divinização passa por nossa humanidade, e nos ensina que não haverá ressurreição sem carne. De Le Breton vimos como o corpo em nosso tempo tem sido tratado como membro supranumerário, que deve ser substituído num período pós-biológico do transhumanismo. Mas, o próprio Le Breton afirma em seus escritos que o corpo insiste em permanecer, pois a existência é corporal. E se o corpo permanece, ele pouco a pouco envelhece, adocece e caminha para a morte, que, para a humanidade secular, é a aniquilação, ou, na linguagem de Le Breton, o desaparecer de si. Em outras palavras é o que professamos na oração do Símbolo Apostólico, "Creio na ressurreição da carne", para nos recordar, dentre outras coisas, que somos uma unidade psicossomática-espiritual.

Na terceira característica apontada, que recorda nosso contexto teológico de América Latina, destacamos o pobre como sacramento de Cristo. Recordamos o mistério da encarnação, Deus que se faz homem e homem pobre em Jesus de Nazaré. Recordamos cada passo de Jesus entre os pobres durante o seu ministério público. Recordamos o caminho do calvário e identificamos a proximidade de Jesus com todos os crucificados e sofredores de nosso tempo. E recordamos a ressurreição e glorificação de Jesus na esperança de que na revelação do mistério de Deus se revele também o mistério da humanidade. A humanidade quer dominar os mistérios do corpo humano, os mistérios do mundo. A ciência e a técnica se arrogam, porém, onipotência, mas, como podemos perceber em Le Breton, os mistérios do corpo, do cosmos, permanecem e a modernidade não tem todas as repostas.

Enfim, o medo das doenças, da velhice, da morte, esconde o grande medo do sofrimento que também foi desnaturalizado pela modernidade. O sofrimento é universal e ingrediente da existência que o ser humano procura extirpar, porque a dor é incompatível com a vida saudável e destinada à felicidade. O

sofrimento é algo desprezível até mesmo para o homem e mulher de fé. Não se adequa ao Deus da vida. O crente não pode de modo algum ser masoquista e Deus não pode ser um sádico. A pessoa de fé deve se perguntar sobre o para quê do sofrimento, buscar olhar para frente, apesar de toda desesperança¹².

Conclusão

Tendo percorrido este caminho de reflexão sobre a corporeidade e os grandes medos da humanidade atual, segundo Le Breton, percebemos elementos que estão presentes em nossa realidade, bem como também esperanças, sonhos do homem e da mulher contemporâneos. Ao mesmo tempo que a humanidade se vê mais poderosa do que nunca, no que se refere ao domínio técnico do corpo humano, ao ponto de pleitear seu desaparecimento, concluímos que ainda a materialidade do corpo se impõe.

A antropologia de Le Breton pode colaborar com a antropologia teológica no sentido de revelar quais são as angústias, medos e sofrimentos da humanidade que são elementos que devem questionar e fazer avançar a reflexão teológica. Já a antropologia teológica pode colaborar muito com os homens e mulheres de hoje que anseiam pelo transhumanismo. A tarefa da antropologia teológica deve ser a apresentação do mistério da revelação cristã, com linguagem adequada e atualizada. Para auxiliar na ressignificação dos medos apresentados neste breve caminho que fizemos, vislumbramos na ressurreição de Jesus Cristo o caminho possível a toda humanidade para se alcançar um dia o tão sonhado corpo glorioso (cf. Fl 3, 21).

Referências

COSTA, L. G. T.. *Das condutas de risco ao silêncio: entrevista com David Le Breton*. *Revista Teoria e Cultura*, UFJF. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12409>. Acesso em: 02 dez. 2022.

DE MORI, G.; BUARQUE, V. *Corporeidade-encarnação: teologia em diálogo interdisciplinar*. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 46, n.129, p.187-214, Mai./Ago.2014. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/2798>. Acesso em: 02 dez. 2022.

LADARIA, L. F. *Introdução à antropologia teológica*. São Paulo: Loyola, 1998.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo*. Antropologia e sociedade. São Paulo: Papyrus, 2003.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

LE BRETON, D. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

12 Ideias deste parágrafo inspiradas no artigo: TORQUATO, R. P. "Desceu com ele à cisterna ..." (Sb 10, 14). Uma abordagem sobre José do Egito na perspectiva do sofrimento e da sapiência.

LE BRETON, D. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

LE BRETON, D. *Desaparecer de si: Uma tentação contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2018.

MOREIRA, S. *O corpo é o que nos une: uma antropologia teológica integral a partir da teologia da libertação latino-americana*. Dissertação de Mestrado (Teologia Sistemático-Pastoral) - PUC RIO. Rio de Janeiro, p. 152, 2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/53252/53252.PDF>. Acesso em: 02 dez. 2022.

TORQUATO, R. P. "Desceu com ele à cisterna ..." (Sb 10, 14). Uma abordagem sobre José do Egito na perspectiva do sofrimento e da sapiência. *Revista Convergência* – CRB, Brasília, Ano XLIX – Nº 475 – out. 2014, p. 593-607.

Bíblia de Tradução Ecumênica, TEB, São Paulo: Loyola, 1994.